

Comportamento Semanal de Mercado

29 de setembro a 6 de outubro



Estresse ameaça a flexibilização monetária

A geração de novos postos de trabalho nos EUA bem acima do consenso, ratificando a hipótese de que a política monetária prossiga apertada por um período longo deteriorou a aversão ao risco, com o fortalecimento do dólar em relação às moedas emergentes e a elevação das taxas de juros de prazos mais longos.

Mesmo com esse estresse, o Focus manteve a trajetória de flexibilização monetária, indicando a Selic encerrando 2023 em 11,75% a.a. e 2024 em 9,00% a.a.. Entretanto, os efeitos da recente volatilidade no mercado futuro de juros evidenciam os riscos para que essa evolução seja concretizada. Assim, a taxa real de juros *ex-ante* ficou em 6,83% a.a., o que representou uma elevação de 0,06 p.p. na semana, permanecendo bem acima do patamar de 4,5% a.a., considerado como neutro pelo Banco Central. No horizonte relevante, as expectativas inflacionárias na Focus continuam parcialmente ancoradas, com a estimativa para 2024 oscilando de 3,87% para 3,88% e para 2025 estabilizando-se em 3,50%.

Apesar da aceleração, a dinâmica de preços no atacado medido pelo IPA-DI, mantém-se benigna, saindo de uma deflação de -10,82% a.a. em ago/23 para -8,83% a.a.. Como alerta para o processo inflacionário, o Índice de *Commodities* do Banco Central (IC-Br) apresentou um incremento de 8,66% no 3T23. A geração líquida de vagas acumulada em 12 meses no Caged mantém trajetória de queda, com contrações de -4,3% a.m. e de -40,1% a.a.. Já o salário médio real de admissão, deflacionado, apresentou elevações de 0,1% na margem e de 0,4% em 12 meses, indicando uma baixa pressão inflacionária do mercado de trabalho. Apesar da alta de 0,45% em agosto, a indústria continua caminhando de lado.

Para esta semana, as divulgações do IPCA e inflação ao consumidor e produtor nos EUA poderão dar maiores referências para as evoluções das taxas de juros.

Expectativas

O Boletim Focus continuou mostrando poucas alterações. Em relação ao da semana anterior, a mediana para as projeções do IPCA para setembro, outubro e novembro permaneceram, respectivamente, em 0,35%, 0,38% e 0,32%. O IPCA esperado para 2023 manteve-se em 4,86%. No horizonte relevante para a política monetária, as expectativas inflacionárias continuam parcialmente ancoradas, com a estimativa para 2024 oscilando de 3,87% para 3,88%, enquanto para 2025 estabilizando-se em 3,50%, ambas acima do centro de 3,0% da meta.

Em relação ao fechamento do dia 29/9, a curva das NTN-Bs voltou a indicar uma queda da inflação implícita para o prazo de 1 ano de 4,60% para 4,26% e a de 2 anos de 4,72% para 4,66%. Por sua vez, para o vencimento em 3 anos, houve um aumento de 4,98% para 5,05%. Mesmo com o estresse no mercado de juros e câmbio internacional, o Focus manteve a trajetória de flexibilização monetária, indicando mais 2 quedas de -0,50 p.p. para a Selic, para encerrar 2023 em 11,75% a.a.. O ciclo se estenderia nos 2 anos seguintes, com as taxas findando em 9,00% a.a. em 2024 e em 8,50% a.a. em 2025. Ainda, a mediana das projeções para a expansão do PIB acomodou-se em 2,92% para 2023, em 1,50% para 2024 e em 1,90% para 2025.

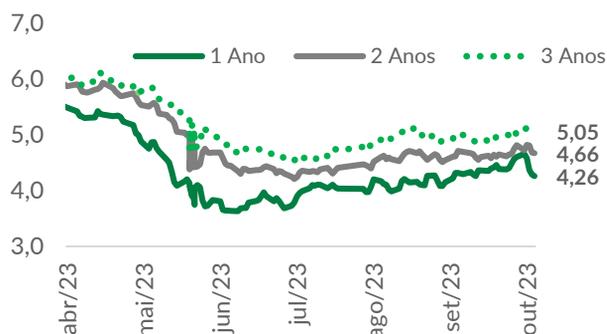
Em meio às incertezas no mercado externo e com as contas públicas local, a estimativa para a taxa de câmbio se depreciou em -1,0%, com o dólar avançando para R\$ 5,00 no término de 2023. As taxas de câmbio para os anos de 2024 e 2025 prosseguiram em R\$/US\$ 5,02 e R\$/US\$ 5,10, na ordem.

A mediana das projeções para o déficit primário em relação ao PIB para 2023 seguiu em -1,10%. Apontando um ceticismo com o cumprimento da meta estipulada pelo novo arcabouço fiscal, houve piora para 2024 com a projeção do déficit avançando de -0,75 do PIB para -0,83%, enquanto para 2025 manteve-se em -0,60% do PIB.

IPCA – Medianas das projeções

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	06/10/2023	Últ. Semana	Há 4 semanas
set/23	0,35	0,35	0,41
out/23	0,38	0,38	0,39
nov/23	0,32	0,32	0,30
2023	4,86	4,86	4,93
2024	3,88	3,87	3,89
2025	3,50	3,50	3,50

Inflação Implícita Títulos Públicos – NTN-Bs



PIB – Mediana das projeções Variação anual



Fonte: BCB/Focus | Anbima. Elaboração ABBC

Internacional

A semana trouxe dados que indicaram que o mercado de trabalho segue sólido nos EUA, reforçando as apostas de manutenção de uma política monetária restritiva por um longo período e trazendo volatilidade aos mercados de ativos. Em setembro, o *payroll* indicou que foram criadas 336 mil vagas de emprego, bem acima das 170 mil indicadas em levantamento realizado pela Bloomberg e da média pré-pandemia de 163 mil por mês. A taxa de participação manteve-se em 62,8%. Entretanto, a estabilidade da taxa de desemprego em 3,8% e a alta do ganho por hora trabalhada em apenas 0,2% em relação a ago/23 para US\$ 33,88 podem ser sinais de que o aperto no mercado de trabalho esteja se esgotando.

Um outro relatório do Departamento de Trabalho, o Jolts, apontou uma forte elevação no número de vagas de emprego em aberto em agosto, com o total de 9,61 milhões de vagas não preenchidas no mês, bem acima da previsão de analistas consultados pela Facset, de 8,9 milhões de vagas.

Os pedidos semanais por seguro-seguro permaneceram em patamares historicamente baixos. Na semana finda em 30 de setembro, somaram 207 mil ante a expectativa coletada pela Bloomberg de 210 mil.

O Índice de Gerentes de Compras (PMI) composto dos EUA manteve-se em 50,2 pts. em setembro, na leitura final da S&P Global. O índice industrial aumentou de 47,9 pts. em ago/23 para 49,8 pts. Por sua vez, o PMI de serviços passou de 50,5 pts. em ago/23 para 50,1 pts.. Essa desaceleração no setor de serviços foi motivada pelo recuo do volume de novos pedidos para o menor nível em 9 meses. Porém, o setor mantém ainda um ritmo consistente com as expectativas de crescimento econômico sólido no 3T23. Um outro indicador de PMI industrial, medido pelo ISM, aumentou de 47,6 pts. em ago/23 para 49,0 pts.

No cenário político, o Congresso dos EUA aprovou projeto orçamentário provisório que garantirá o funcionamento do governo até o dia 17 de novembro, evitando o chamado shutdown que paralisaria a máquina pública.

O cenário econômico na Zona do Euro mostrou-se menos favorável. A despeito de alguma recuperação em setembro, o PMI ainda se encontrava abaixo dos 50 pts., nível contracionista. O indicador composto que reúne dados dos setores industrial e de serviços avançou de 46,7 pts. em ago/23 para 47,2 pts., ficando levemente acima da leitura preliminar e da expectativa da Facset de 47,1 pts.. De acordo com a S&P Global, a dinâmica refletiu a deterioração das condições de demanda, com os novos pedidos caindo em ritmo mais baixo em quase 3 anos e uma retração acelerada nos novos negócios feitos pelos fornecedores de serviços. Após marcar 52,0 pts. em jun/23 e 50,9 pts. em jul/23, o PMI de serviços subiu ligeiramente de 47,9 pts. em ago/23 para 48,7 pts., permanecendo ainda abaixo dos 50 pts.. O volume de novos pedidos recuou pelo 3º mês consecutivo, enquanto os custos dos insumos registraram o maior crescimento em 4 meses. Já o indicador industrial recuou de 43,5 pts. em ago/23 para 43,4 pts..

Em meio às pressões inflacionárias e as incertezas globais, as vendas no varejo na Zona do Euro recuaram - 1,2% em agosto, acima da queda de -0,6% prevista por levantamento do *The Wall Street Journal*. Os dados de julho foram revisados de uma queda de -0,2% para -0,1%. Já a taxa de desemprego permaneceu no mínimo histórico, em 6,4% em agosto, e deve manter pressão sobre salários. A taxa de julho foi revisada para cima, de 6,4% para 6,5%.

Aversão ao Risco

A geração de novos postos de trabalho bem acima do consenso do mercado, ratificando a hipótese de que a política monetária prossiga apertada por um período longo, teve impacto relevante na deterioração na aversão ao risco, com o fortalecimento do dólar em relação às moedas emergentes e a elevação das taxas de prazos mais longos. Adicionalmente, o maior volume nos leilões de títulos do Tesouro dos EUA e a redução do balanço do Federal Reserve (Fed) ajudam a produzir desequilíbrios entre a oferta e demanda, com reflexos nas taxas de juros de longo prazo.

Para a próxima reunião do Fed, a manutenção na taxa básica de juros em dezembro permanece majoritária, a chance de uma elevação apontada pelo CME Group era de 25,4%. Nesse contexto, os rendimentos dos *Treasuries* foram beneficiados, o retorno do *T-note* de 2 anos subiu na semana de 5,03% a.a. para 5,08% a.a., o de 10 anos de 4,59% a.a. para 4,78% a.a. e o do *T-bond* de 30 anos de 4,73% para 4,96% a.a..

A piora no sentimento dos investidores prevaleceu nas demais bolsas internacionais, com quedas de -0,30% no Dow Jones, de -1,49% na FTSE 100, de -1,02% no DAX 40 e de -2,71% no Nikkei 225. Vale registrar que, por causa do feriado nacional, as bolsas da China ficaram fechadas.

Com a perspectiva da extensão do aperto monetário, os preços das *commodities* voltaram a recuar, com a cotação da saca de soja em Chicago caindo -0,71% para US\$ 1.266,00 e o minério de ferro recuando -2,67% para US\$ 117,56.

Após semanas registrando ganhos, o preço do barril de petróleo tipo Brent fechou em US\$ 84,58, o que representou uma queda de -11,26% na semana. Pesou para tal, a divulgação do Departamento de Energia dos EUA reportando uma forte queda da demanda por gasolina para o menor patamar desde 1998.

No ambiente doméstico, o movimento de aversão ao risco nos mercados globais condicionou a dinâmica interna. O risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, subiu 4,24 bps. na semana para 192,35 bps..

O Ibovespa acumulou uma retração de -2,06% no período, encerrando a semana abaixo dos 115 mil pontos, pressionada pelas ações mais sensíveis às *commodities* e ao mercado interno, em função do forte aumento nas taxas futuras de juros.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	06/10/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	114.170	-2,1%	-1,6%	-2,9%
Nasdaq	13.431	1,6%	-3,2%	21,3%
S&P	4.309	0,5%	-3,5%	15,1%
Dow Jones	33.408	-0,3%	-3,0%	11,6%
FTSE 100	7.495	-1,5%	0,9%	7,1%
DAX 40	15.230	-1,0%	-3,3%	22,1%
Nikkei 225	30.995	-2,7%	-6,8%	13,5%
Xangai	3.110	0,0%	-1,5%	2,8%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

O dólar iniciou a semana ganhando força frente às moedas dos países desenvolvidos, respondendo ao mercado de trabalho mais apertado, porém, uma reavaliação do conjunto dos dados levou a uma correção, com o *Dollar Index* fechando a semana com queda de -0,12%, influenciado pelas apreciações de 0,31% na libra esterlina e de 0,12% no euro.

Por sua vez, pressionado pelas retrações nos preços das *commodities*, o índice que calcula o desempenho de uma cesta de moedas dos países emergentes em relação ao dólar caiu -1,55% no mesmo período, com destaques para as depreciações de 6,01% no peso colombiano, de 4,26% no peso mexicano, de 3,43% no rublo russo e de 1,99% no rand sul-africano.

Com pior desempenho do que a média de seus pares emergentes, o real se depreciou em 2,31% na semana, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,15. A possibilidade de novos aumentos nos fed funds associada ao processo de corte na taxa Selic diminuirá ainda mais o diferencial entre as taxas de juros, o pressionaria a taxa de câmbio. Na semana, o Banco Central manteve sua atuação com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/12/2023.

*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

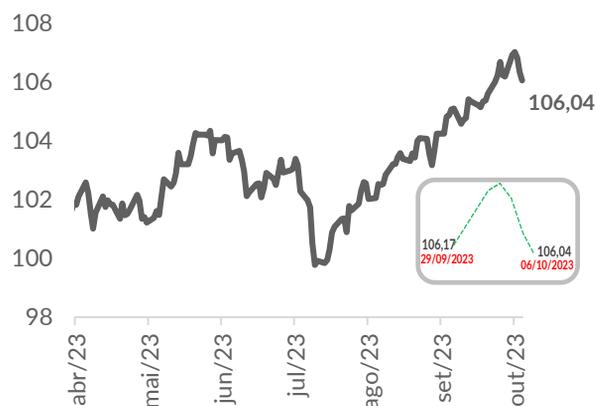
Real/US\$



Índice de Emergentes*



Dollar Index



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

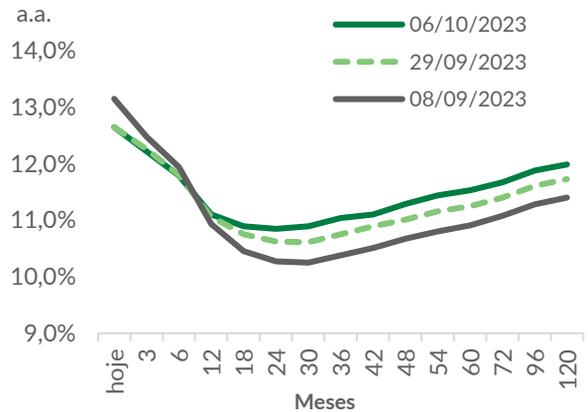
A Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) fechou a semana com ligeiras reduções nos vértices mais curtos e forte elevações nos mais longos, acompanhando o movimento verificado no mercado externo.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa para 3 meses saiu de 12,26% a.a. para 12,22% e para 6 meses de 11,80% a.a. para 11,79%. No sentido inverso, a taxa para 1 ano saiu de 11,06% a.a. para 11,10%, a de 2 de 10,62% a.a. para 10,85%, a de 3 de 10,75% a.a. para 11,04%, a de 4 de 11,01% a.a. para 11,29%, a de 5 de 11,25% a.a. para 11,53% e a de 10 anos saiu de 11,73% a.a. para 11,99%.

Com a alta de 0,04 p.p. na semana do swap DI prefixado de 360 dias para 11,10% a.a. e a inflação esperada para os próximos 12 meses recuando -0,02 p.p. para 4,00%, a taxa real de juros *ex-ante* ficou em 6,83% a.a., o que representou uma elevação de 0,06 p.p. no período, com a taxa permanecendo bem acima do patamar de 4,5% a.a., considerado como neutro pelo Banco Central.

Por fim, a medida de risco, calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, manteve sua trajetória altista, encerrando em 0,89 p.p., sendo uma alta de 0,22 p.p. na semana. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, subiu 0,24 p.p. para 1,12 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros



Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP-DI - Set/23

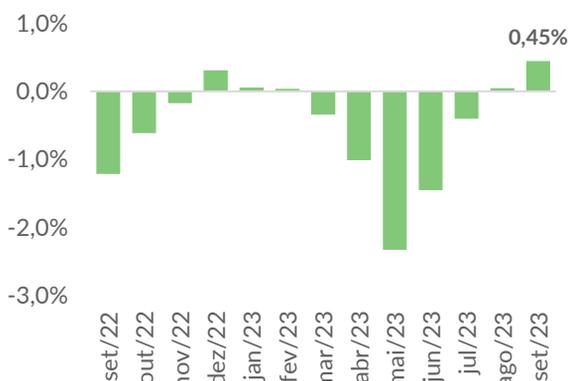
O IGP-DI avançou 0,45% em setembro, acima da mediana das projeções de uma alta de 0,26% e do avanço de 0,05% em ago/23. No ano, o índice acumulou variação de -4,88%. A deflação acumulada em 12 meses desacelerou de -6,91% em ago/23 para -5,34% (7,94% a.a. em set/22).

Mesmo com a desaceleração dos combustíveis, sobretudo diesel (13,29% para 11,00%) e gasolina (8,36% para 7,23%), a variação do Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) passou de 0,10% em ago/23 para 0,51%, graças ao minério de ferro (0,19% para 7,72%), milho em grão (-2,20% para -1,65%) e arroz (6,33% para 7,71%). Em compensação, soja (3,87% para 0,78%), mandioca (3,13% para -3,71%) e aves (-0,76% para -3,82%) registraram decréscimo de preços. Em setembro, o IPA acumulava uma deflação de -8,83% a.a. (-10,82% a.a. em ago/23 e 8,33% a.a. em set/22). Apesar da aceleração, a dinâmica de preços no atacado mantém-se benigna. Por estágios de produção, os bens intermediários acentuaram a alta para 1,48% ante um incremento de 0,58% no mês anterior, com o avanço de 0,28% no subgrupo materiais e componentes para a manufatura. As matérias primas-brutas aumentaram 0,14% em setembro, após uma queda de -0,11% em ago/23. Enquanto os bens finais oscilaram de -0,22% em ago/23 para -0,21%, influenciado pelo subgrupo alimentos processados, cuja variação passou de -0,81% para -0,32%.

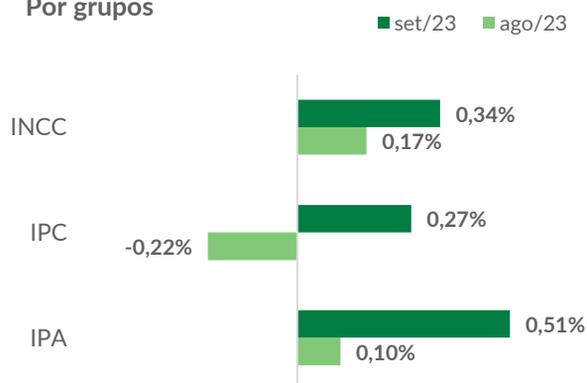
Após cair -0,22% em ago/23, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) voltou a subir, com um aumento de 0,27%, com 6 das 8 classes de despesas componentes registrando acréscimo em suas taxas. Ênfase para Educação, Leitura e Recreação (-2,76% para 1,34%) e Transportes (0,39% para 1,06%). Em 12 meses, o IPC acumulou uma alta de 4,17% a.a. (3,90% a.a. em ago/23 e 5,13% a.a. em set/22).

Por fim, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) variou 0,34%, após uma alta de 0,17% em ago/23. Os componentes apresentaram as seguintes variações: Materiais e Equipamentos (-0,18% para 0,18%), Serviços (0,25% para 0,52%) e Mão de Obra (0,61% para 0,53%). Em termos anuais, o INCC era de 3,49% a.a. (3,23% a.a. em ago/23 e 10,70% a.a. em set/22).

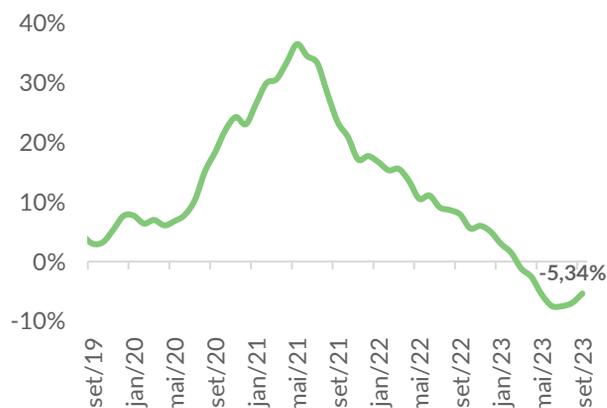
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupos



Variação Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

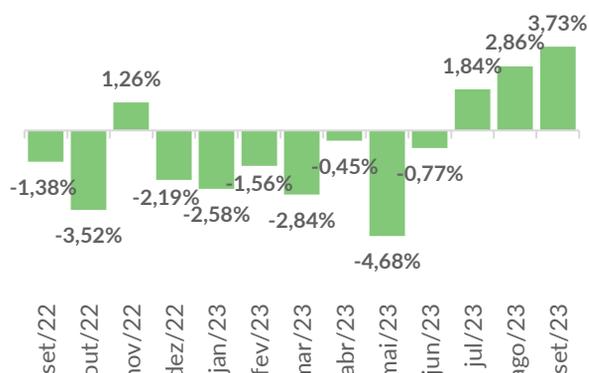
IC-Br – Set/23

Com a 3ª alta mensal consecutiva, o Índice de *Commodities* do Banco Central (IC-Br) passou de 359,08 para 372,47, registrando uma alta de 3,73% em setembro, ante uma elevação de 2,86% em ago/23. No trimestre, houve incremento de 8,66%. Contudo, no acumulado do ano a queda era de -4,68% e de -8,91% em 12 meses.

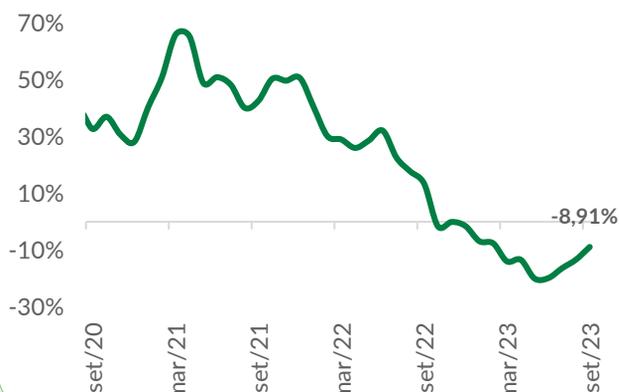
A dinâmica de setembro refletiu o aumento nos preços de todos os componentes. Destaque para as *commodities* energéticas, cuja alta de 8,28% foi impulsionada, sobretudo, pelos preços do petróleo. Questões geopolíticas, a necessidade de recomposição das reservas estratégicas dos EUA após um longo período e a firme atuação da OPEP+ em conter o crescimento de produção dos seus países-membros fizeram o preço do petróleo subir. Em menor intensidade, as cotações dos produtos agropecuários aumentaram 3,09%, enquanto os das *commodities* metálicas elevaram-se em 1,22%. No comparativo o anual, os preços do grupo energia acumularam uma retração de -34,12%, ao passo que as *commodities* metálicas e agropecuárias cresceram apenas 0,54% e 0,27%, respectivamente.

Em consonância, o índice CRB, que é baseado no mercado à vista, calculado pelo *Commodity Research Bureau*, cresceu 0,41% na margem em setembro para 396,42 pts., após a alta de 1,19% em ago/23. Contudo, acumulou contrações de -6,73% no acumulado do ano e de -8,23% a.a.. No trimestre, houve alta de 2,37%.

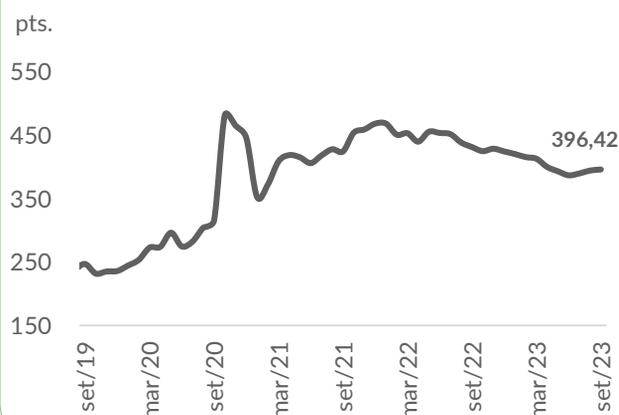
Índice de *Commodities* Composto Variação mensal



Índice de *Commodities* Composto Variação anual



Índice CRB*



*CRB: Índice de preços de commodities, baseado no mercado à vista, calculado pelo *Commodity Research Bureau*. O índice é uma medida dos movimentos de preços de produtos básicos mais sensíveis a mudanças nas condições econômicas.

Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

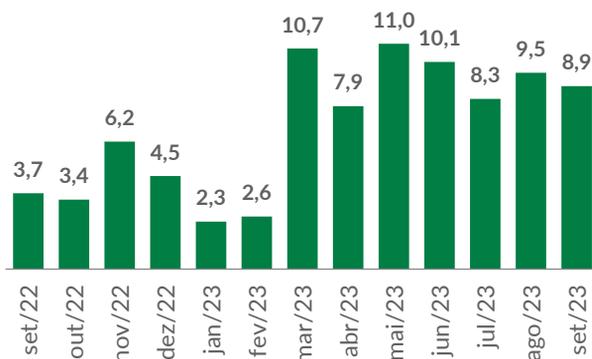
Balança Comercial – Set/23

Mantendo o bom desempenho verificado nos últimos meses, o saldo da balança comercial apresentou um superávit de US\$ 8,9 bilhões em setembro, o maior para o mês de toda a série histórica. Considerando-se a média por dia útil, houve um aumento de 153,1% perante a set/22. O resultado foi composto por US\$ 28,4 bilhões em exportações (4,4% a.a.) e US\$ 19,5 bilhões em importações (-17,6% a.a.) gerando uma corrente de comércio de US\$ 48,0 bilhões.

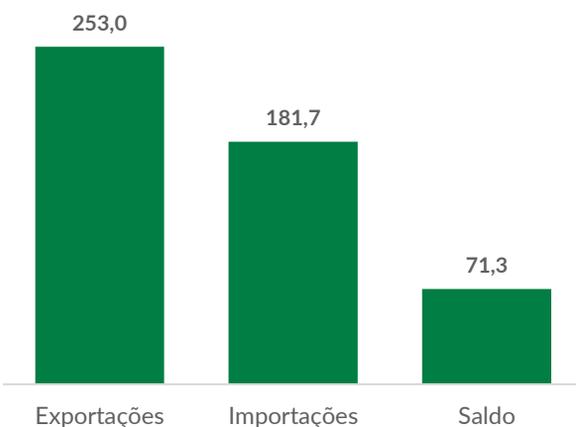
A despeito da redução nos preços, as exportações mantiveram-se em patamares elevados, sustentadas pelo crescimento do volume, destacando-se as *commodities* agrícolas e industriais. No acumulado do ano, anotou-se um superávit comercial de US\$ 71,3 bilhões, um avanço de 51,2% perante igual período de 2022. No mesmo período, as exportações foram de US\$ 253,0 bilhões (+0,4%) e as importações de US\$ 181,7 bilhões (-11,3%). Nesta métrica, o volume de exportações cresceu 9,1%, enquanto os preços cederam -8,1%. Analisando-se a dinâmica por setor, o crescimento das exportações no ano foi impulsionado pela agropecuária (+8,3%), sobretudo pelos embarques de soja (10,5%) e milho (28,3%). Por sua vez, a indústria de transformação e extrativa mineral acumularam, no período, quedas de -2,4% e -1,9%, respectivamente. Já as importações apresentaram uma retração no acumulado no ano de -2,5% no volume e de -9,0% nos preços, acompanhando as menores pressões nos custos de fertilizantes, combustíveis e carvão. Dentre as categorias econômicas, destaques para o crescimento das importações de bens de consumo (+17,2%) e bens de capital (+9,9%), enquanto combustíveis (-26,4%) e o segmento de bens intermediários (-15,1%) computaram perdas, refletindo as dificuldades de expansão da indústria.

O saldo comercial acumulado em 12 meses totalizou US\$ 85,4 bilhões, levando a variação anualizada para 63,1% a.a. ante 51,1% a.a. em ago/23 (-20,7% a.a. em set/22). As exportações revelam uma trajetória de desaceleração, saindo de 5,5% a.a. em ago/23 para 4,1% a.a. (20,3% a.a. em set/22), enquanto para as importações acentuou-se a tendência de queda de -3,7% a.a. em ago/23 para -7,4% a.a. (33,8% a.a. em set/22).

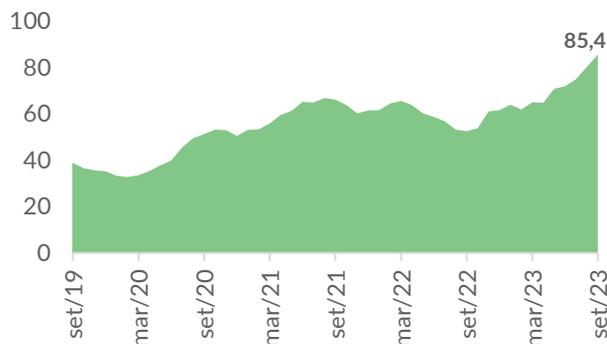
Saldo Mensal
Em US\$ bilhões



Saldo Acumulado no Ano



Saldo Acumulado em 12 meses
Em US\$ bilhões



Fonte: MDIC. Elaboração ABBC

Emprego Formal – Ago/23

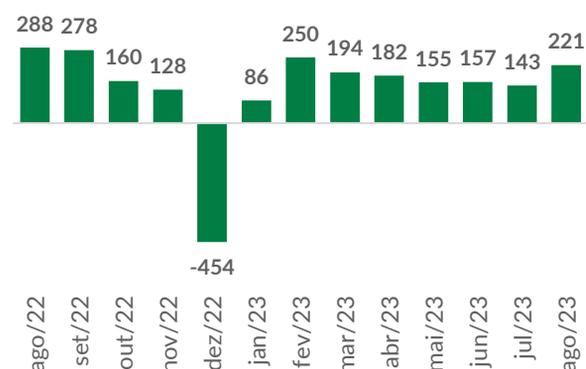
Acima das projeções indicadas pelo Valor Data de 171,1 mil, o Caged reportou a criação líquida de 220,8 mil vagas de trabalho formal em agosto. Considerando-se as declarações fora do prazo, o resultado ficou acima do observado dos 143,0 mil postos de jul/23, porém abaixo dos 288,1 mil em ago/22. A apuração foi composta por 2.099,2 mil contratações e de 1.878,4 mil desligamentos. O desempenho foi alavancado pelo setor de serviços (113,4 mil), seguido por comércio (41,8 mil), construção civil (28,4 mil) e indústria de transformação (28,1 mil).

Apesar do aumento no ritmo de contratações líquidas no mês, segue em desaceleração, com o saldo acumulado no ano totalizando 1.388,1 mil, bem abaixo dos 1.901,5 mil observados no mesmo período de 2022, também considerando-se as declarações fora do prazo.

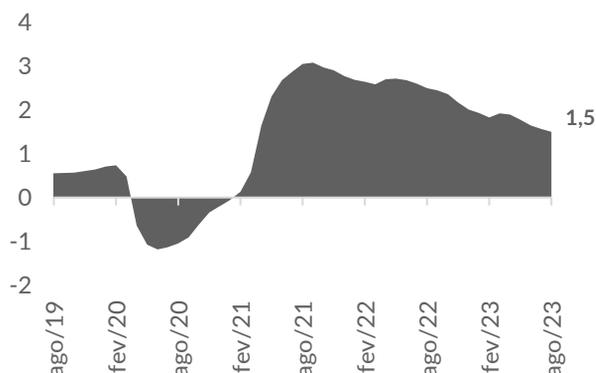
Em consonância, a geração líquida acumulada em 12 meses mantém trajetória de queda, encerrando em 1,50 milhão, o que representou contrações de -4,3% a.m. e de -40,1% a.a..

Com relação à remuneração, o salário médio real de admissão, deflacionado pelo INPC, fechou agosto em R\$ 2.037,90, o que significou elevações de 0,1% na margem e de 0,4% em 12 meses, sinalizando baixa pressão inflacionária no mercado de trabalho.

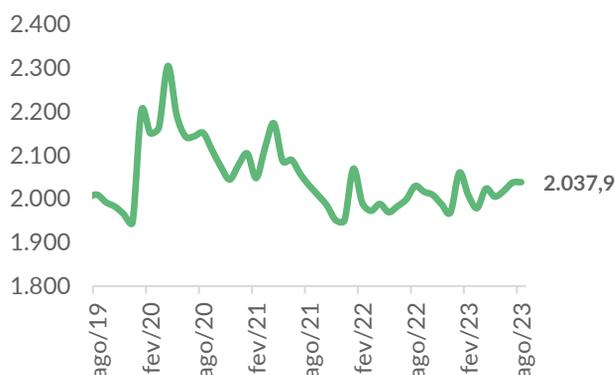
Saldo Líquido Mensal
Com declarações fora do prazo – em milhares



Geração Líquida
Acumulada em 12 meses – em milhões



Salário Médio de Admissão
Deflacionado pelo INPC – em R\$



Fonte: Caged. Elaboração ABBC

Produção Industrial – Ago/23

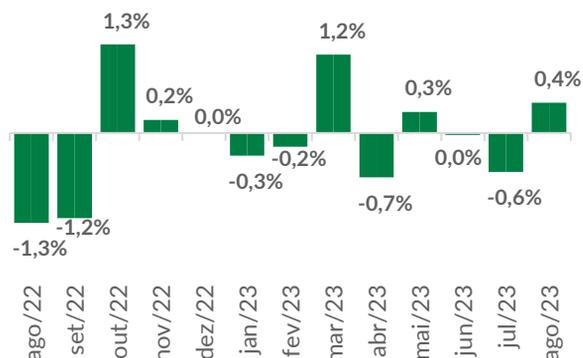
Após uma queda de -0,57% em jul/23 e estabilidade em jun/23, a produção física industrial voltou a se recuperar, com uma alta de 0,45% em agosto, na série com ajuste sazonal. A produção extrativa mineral fechou com uma queda de -2,71% ante uma retração de -1,56% em jul/23. Por sua vez, a produção da indústria de transformação passou de uma queda de -0,30% em jul/23 para uma alta de 0,97%.

De positivo no mês, vale destacar a disseminação do crescimento entre os ramos de atividade, com expansão em 18 dos 25 ramos industriais pesquisados.

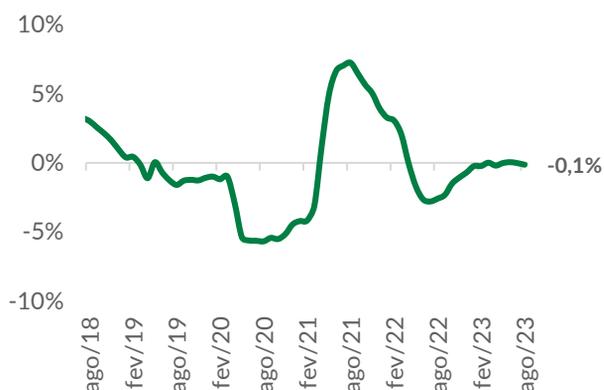
Com o resultado do mês, a produção industrial acumulou uma contração de -0,30% no ano. A série com a variação anual da produção industrial acumulada em 12 meses evidenciou o fraco desempenho do setor. Em agosto, a produção registrou queda de -0,14% a.a. ante -0,02% a.a. em jul/23 e -2,59% a.a. em ago/22. Desde jan/23, as variações têm oscilado entre -0,24% e +0,05%.

Sentindo de forma mais significativa os impactos da política monetária restritiva, a produção da indústria de transformação fechou agosto com uma queda de -0,78% a.a. contra -0,50% a.a. em jul/23 e -2,57% a.a. em ago/22. Com 2 quedas na margem, a produção extrativa acumulada encerrou com uma alta de 3,20% a.a. ante 2,20% a.a. em jul/23 e -2,41% a.a. em ago/23.

Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Anual Produção acumulada em 12 meses



Variação Anual Produção acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Veículos - Set/23

Em setembro, foram produzidas 208,9 mil unidades de autoveículos, de acordo com os dados da Anfavea. Com isso, houve uma queda de -8,0% em relação a ago/23 e uma alta de 0,5% quando comparado com set/22. No mês, todos os grupos apresentaram reduções na produção, com destaques para as retrações de -14,6% em caminhões, de -8,9% em ônibus e de -8,3% em automóveis. O total dos estoques alcançou 265,8 mil unidades, o que significou elevações de 8,6% na margem e de 50,8% a.a.. O total das exportações, exceto máquinas agrícolas, recuou -20,6% no mês para 27,4 mil unidades, levando a variação anual das exportações acumuladas em 12 meses intensificar seu ritmo de queda, saindo de -3,6% a.a. em ago/23 para -4,9% a.a. (17,4% a.a. em set/22).

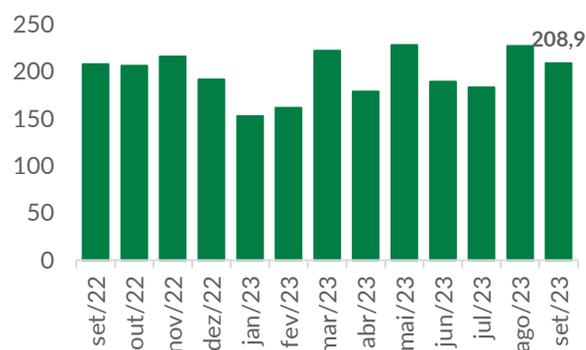
A produção de veículos acumulada no ano ficou em 1,75 milhão de unidades, com uma queda de -0,3% em relação à acumulada no mesmo período de 2022. Mostrando uma trajetória de queda, a produção acumulada em 12 meses foi de 2,36 milhões, desacelerando a alta de 1,93% a.a. em ago/23 para 0,5% a.a. (0,7% a.a. em set/22).

Segundo os dados da Fenabrave, foram vendidas 340,6 mil unidades de autoveículos em setembro, com uma queda de -5,1% frente a ago/23, porém superando as 324,9 mil unidades negociadas em set/22. Todos os grupos de veículos apresentaram redução das vendas na margem, com destaques para as quedas de -8,8% em implementos rodoviários, de -5,8% em caminhões, de -5,3% em motocicletas e de -5,1% em automóveis.

As vendas no mercado interno acumuladas no ano ficaram em 2,88 milhões de unidades, o que representou um crescimento de 12,7% frente ao mesmo período de 2022. Em linha com a projeção de desaceleração da atividade econômica, a variação anual das vendas acumuladas em 12 meses saiu de 14,2% a.a. em ago/23 para 12,9% a.a. (-1,3% a.a. em set/22).

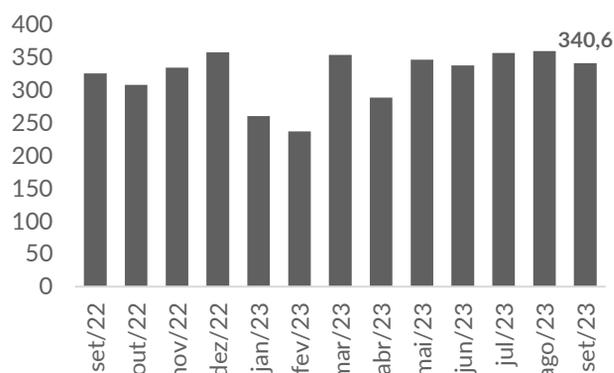
Produção no Mês

Em mil unidades



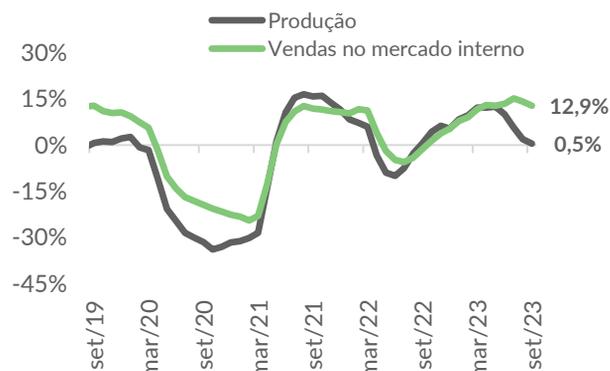
Vendas no Mês

No mercado interno - em mil unidades



Variação Anual

Acumulada em 12 meses



Fonte: Anfavea/Fenabrave. Elaboração ABBC

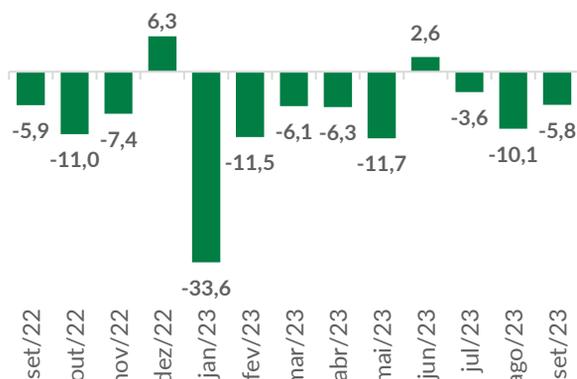
Caderneta de Poupança – Set/23

Após uma saída de R\$ -10,07 bilhões em ago/23, o estoque de investimento em caderneta de poupança registrou uma retirada de R\$ -5,84 bilhões em setembro. O resultado mensal refletiu a diferença entre os R\$ 306,15 bilhões aplicados e os R\$ -311,99 bilhões que foram sacados. Considerando-se o rendimento de R\$ 6,15 bilhões, o saldo total da caderneta totalizou R\$ 968,33 bilhões ao final do mês, o que representou reduções de -0,1% na margem e de -2,4% em 12 meses.

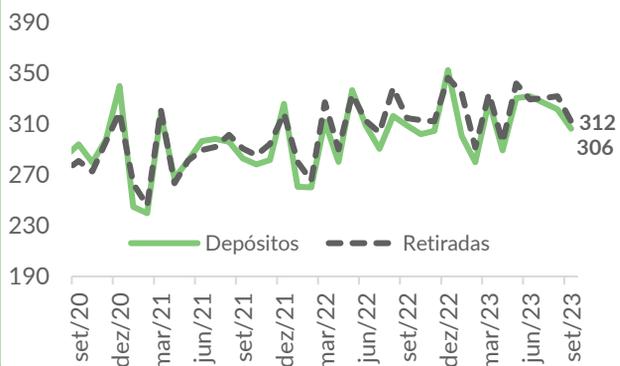
Com apenas captação líquida positiva em jun/23, o saque acumulado da poupança neste ano somou até agora R\$ -86,13 bilhões. A aplicação vem perdendo recursos desde 2021, afetada pela inflação elevada, pelo endividamento das famílias e pelas remunerações mais elevadas de outros instrumentos financeiros.

Finalizando, o rendimento da poupança segue definido pela TR mais uma taxa fixa de 0,50%. Em setembro, a poupança rendeu 0,61% a.m. (7,57% a.a.), mantendo-se menos atraente que outras opções de renda fixa como os depósitos a prazo (CDBs) e as letras de crédito (sobretudo as LCAs e LCI). Cabe destacar que quando a Selic está abaixo de 8,5% a.a., a atualização é feita pela TR mais 70% da taxa básica de juros.

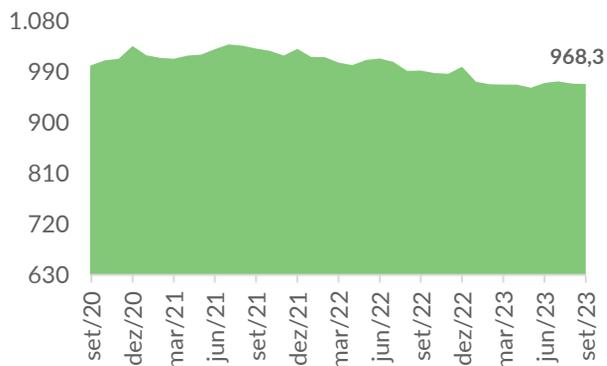
Captação Líquida (SBPE + Rural) – em R\$ bilhões



Evolução (SBPE + Rural) – em R\$ bilhões



Saldo (SBPE + Rural) – em R\$ bilhões



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	3,0	1,5
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,2	8,6
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,9	3,9
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,8	3,9
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	70,0	62,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-44,0	-53,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,95	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,1	-0,9
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,4	-6,6
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,4	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,0	78,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688